ANO 3.° LISBOA—QUINTA-FEIRA, 19 DE JULHO DE 1923 N.° 701

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

UMA inglesa, Maud Reeves, namorou, por correspondencia, um americano, conhecendo dele sómente a sua fotografia.

Ha dias partiu de Londres para New-York, a fim de o desposar.

Chegou a Ellis Island e logo o seu apaixonado se apresentou.

Ao encara-lo, soltou um grito de horror.

Era velho e feio! Para que lhe enviara um retrato de mancebo esbelto e formoso?

Como ele tentasse convencê-la, com doces palavrinhas, que o não repelisse, ela respondeu-lhe:

—«Jamais!»—

E regressou a Inglaterra, a bordo do *Magestic.*

Este caso vem demonstrar-nos que as pessoas que já perderam a sua mocidade, devem usar de muita prudencia, quando se arriscam a escolher como esposa uma senhora nova e bonita, sobretudo não lhe tendo mostrado ainda o seu original.

Geralmente, tais coisas só se dão entre ingleses e americanos. Como são raças frias, cuidam dos interesses do seu coração como de operações arimeticas. Casam, frequentemente, como cristais de neve.

Maud Reeves, porem, deve ter no coração uma brasa. A' sua juventude repugnam certos contactos. A belesa plastica não é para ela uma *blague.*

Atravessou o Atlantico, afim de se matrimoniar com um joven que realisava os seus sonhos.

Quem encontrou?

Uma caricatura, um *ginja.* A sua indignação estalou rapida como a revolta natural do seu ser. Fora ludibriada, sentira-se ridicula... No seu regresso a Londres, ela deveria dizer consigo:

—«A viagem que acabo de fazer foi para mim bastante instructiva, pois, consegui desembarcar em New York e voltar ao meu país, perdendo algumas ilusões, mas salvando o meu orgulho».

* * *

REALIZOU-SE ha dias, em Paris, um concurso de fumadores, á esquina do «faubourg» Saint Denis e da rua de Metz. Visava apurar o seguinte;

—«Quem fuma mais depressa um charuto ou uma cachimbada?»

—«Quem os fuma mais devagar?»

O sr. Dessaque, que consumiu um charuto em 48 segundos, obteve o primeiro premio de velocidade. Em 5 minutos e 55 segundos, o sr. Frérot reduziu a cinzas uma cachimbada. Aclamaram-no laureado de velocidade.

Na prova de lentidão, o sr. Jacques gastou 37 minutos para fumar um cigarro. Alcançou a primeira classificação.

Quando é que os nossos fumadores, visto que os temos notaveis, organizarão entre nós concursos congeneres?

* * *

UM nosso colega da manhã deu ha dias a noticia de que o novo alto comissario de Moçambique voou sobre Lisboa, no *Fairey 19.* Trata-se dum simples engano, pois que o sr. Azevedo Coutinho encontra-se em Vidago, ha bastante tempo. O sr Fontoura da Costa, titular interino da pasta da marinha, é que fez as suas primeiras provas como aviador.

* * *

VISITOU-NOS o nosso amigo e ilustre clinico sr. dr. Antonio de Menezes que ha dias regressou de Berlim.

UMA CONFERENCIA

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Perante um publico numeroso e selecto, realisou ontem á noite, na Sociedade de Geografia, a sua anunciada conferencia o notavel jornalista belga, sr. Edgard Lippens.

Ocupou-se, durante uma hora, de *Gand, cidade de flores e de monumentos.*

A sua palavra viva, rapida e expressiva, colorida e pitoresca, prendeu as atenções, sem qualquer esforço. Falou da sua terra natal com amor, arte e sciencia. Referiu-se tambem ao nosso país com verdadeiro carinho, irmanando-o á sua patria, no culto dos ideais nobres.

O sr. dr. José Pontes—que ontem não mencionámos, por deploravel esquecimento, entre os amaveis convivas do almoço, na Garrett—fez a apresentação do conferente, traçando o seu *curriculum vitae,* com a maneira franca e desempoeirada que caracterisa a sua eloquencia, rica de vivacidade e fulgor.

Os dados biograficos que forneceu aos seus ouvintes, para que estes conhecessem bem a qualidade do homem que iam ouvir, são tão interessantes que não resistimos á tentação de os reproduzir.

O sr. Edgard Lippens, que é muito novo ainda, dá logo a impressão da força, da inteligencia, da energia e da saude moral que distingue a sua raça. E' um flamengo, mas orgulhoso da sua cultura latina.

Tem a sinceridade dos fortes e o orgulho dos que vencem, sem auxilio alheio.

Quando rebentou a guerra passou a fazer parte da guarda civica de Gand, com um franco diario, visto não poder alistar-se no exercito, por ser um cardiaco. Os alemães, receosos e cautelosos com a simples sombra duma insurreição, dissolveram este corpo, animado de um patriotismo ultra-vigilante, acusando-o de franco-atirador.

Conseguindo fugir da Belgica, foi ter a Dunkerque, onde se ofereceu como voluntario—oferecimento que não foi aceite, porque a inspeção medica não o achou assás resistente. Passou a Rouen, sofrendo o desgosto de ser recusado por três vezes.

Com outros belgas, em situação quasi identica á sua, dirigiu-se a Paris. Tinha um franco na algibeira.

Podia recorrer ao credito—o que não fez, segundo o seu sistema de vencer dificuldades pelos seus proprios meios.

Logo na noite da sua chegada, contracta-se para *La Sirène* como vendedor de programas. Salario fixo—três francos. De gorgetas, recebeu quatro francos e meio.

Depois entrou como figurante na representação de *Miguel Strogof,* teatro do Chatelet, ganhando três francos.

Desejoso de melhorar a sua situação, conseguiu entrar para os *tramways* electricos, onde se conservou dois meses com quatro francos e setenta e cinco centimos diarios.

Para aumentar os seus recursos, revia provas na redacção da *Nouvelle France.*

A miseria acompanhava-lhe os passos. Como escapar-lhe?

Obteve, então, um lugar de professor de geografia, historia e filosofia no Colegio de Jouilly Sur-Marne, tendo de pagar a comida e o quarto com uma mensalidade de cem francos.

Para reforçar esta quantia, fez no mesmo colegio serviço de vigilante nocturno. Mais cincoenta francos.

Disseram-lhe que o brometo acalmava as irregularidades cardiacas. Não quiz saber de mais nada. Tomou o comboio para o Havre e, depois de tomar duas pastilhas, apresentou-se de novo á inspecção medica. O dr. Le Brun aceitou-o como voluntario.

Hora de grande alegria!

Entrou para a artilharia, 2.ª divisão do exercito belga, prestando serviço como observador no posto de combate. Dois anos e meio de trincheira, na primeira linha, vividos com fé e rude energia fisica e moral.

Um dia constou-lhe que havia necessidade de voluntarios no Congo belga, Informou-se: era verdade. No Havre embarcou para Londres, tomando paquete para a Africa. Apenas chegou, nomearam-no chefe de circunscrição com 12:000 francos por ano. Uma terrivel enfermidade de estomago forçou-o a reembarcar-se para a Europa. Chega ao Havre... Que vai dar-se? Nova intervenção do azar.

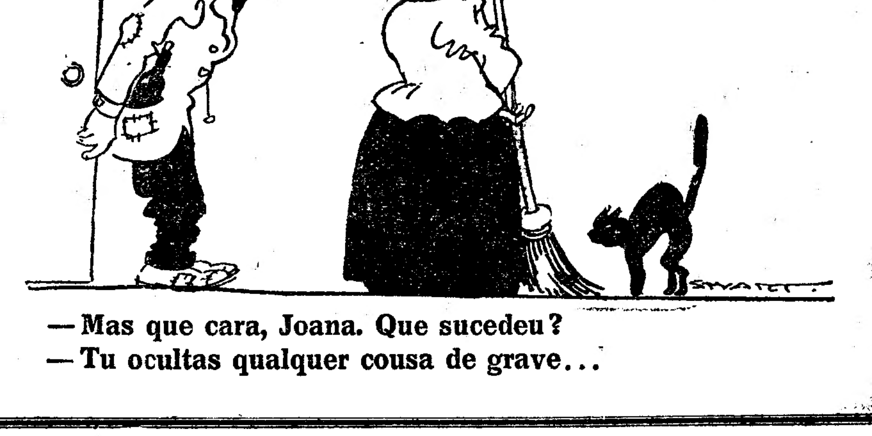
Por um erro de administração, nem o Ministerio da Guerra nem o das Colonias o reconhecem como seu dependente. Empregou-se como guarda de noite, no Hotel Fortuny, a seguir foi, por quinze dias, descarregador das docas e vigilante nocturno de navios. A coragem não o abandonava. Os seus nervos resistiam a todas as provas.

Por fim, conseguiu ser nomeado secretario particular do ministro Heyman, com cento e cincoenta francos. Estava no termo das suas agruras.

A guerra termina, regressa á Belgica, celebra a vitoria das armas aliadas em Gand e reconquista o prazer de viver no seio da sua familia.

E' o triunfo das suas mais altas aspirações, a gloria de se ter sacrificado pela libertação da sua patria...

SCENA FAMILIAR



—Mas que cara, Joana. Que sucedeu?
—Tu ocultas qualquer cousa de grave...

LORD Cecil, representante da Inglaterra na Sociedade das Nações, disse a um jornalista que o entrevistou:

—«O meu ideal é um mundo sem soldados nem policias».

Estas palavras revelam um pacifista—um pacifista que, emquanto os odios não desarmam, namora um ideal, apesar de proceder em harmonia com os interesses do seu país.

A ultima guerra demonstrou que a paz tem um preço inexcedivel. No entanto, os povos não fazem caso disso. As suas ambições ignoram barreiras. O importante é satisfaze-las, embora para tanto se derrame sangue, muito sangue. A civilisação tem uma alma criminosa como a barbarie.

Por isso, reputamos acidamente ironica a aspiração de lord Cecil.

* * *

O empresario José Loureiro, dono do Teatro da Trindade, comprou o Avenida, sendo provavel que adquira ainda outras casas de espectaculo.

Como muita gente andava apreensiva sobre os destinos da nossa dramaturgia, eis que aparece um homem capaz de exercer, em proveito dela, uma acção construtiva, largamente esperançosa.

O importante é que o empresario José Loureiro queira ser tambem um pouco artista. O teatro prolonga a mocidade, quando se afastam dele os cuidados meramente pecuniarios.

Convem lembrar que estamos numa época em que o palco é a melhor tribuna para emocionar e educar as multidões.

Quem esquecer isto, corre risco de fazer algum dinheiro, mas com pouca alegria e satisfação intima.

* * *

DO sr. Luís Andrade, director do Refugio e Casas de Trabalho, recebemos, com uma carta, uma serie de copias de depoimentos pelos quais se apura que muitos dos internados que obtiveram colocação em casas particulares, foram vilmente explorados pelos seus tutores, sujeitando-os a trabalhos superiores ás suas forças.

Algumas internadas padeceram ainda maiores afrontas e violencias—de damno irreparavel.

* * *

O SR. dr. João Emaúz de Leite Ribeiro enviou as suas testemunhas—os srs. drs. Vasco Borges e Antonio Osorio—ao sr. Venancio Guimarães, por causa duma carta que este ultimo lhe enviou e que reputa ofensiva da sua honra. As testemunhas do sr. Venancio Guimarães são os srs. dr. Antonio Videira e Cunha Leal.

A pendencia parece que não terá seguimento.

* *

O DELICADO poeta Antonio Boto realiza no dia 26 no salão nobre do teatro Nacional uma interessante conferencia organizada pelas revista *Contemporanea,* subordinada ao tema «Os nossos poetas de hoje».

* * *

O CAPITÃO-AVIADOR Antonio Maya está realisando, á hora de fecharmos o nosso jornal, a sua anunciada interpelação ao sr. ministro da Guerra sobre os serviços da aeronautica, interpelação a que responderá, como noutro local informamos, o sr. presidente do ministerio.

Homenagem

João de Deus

Trouxeram-me os jornais a noticia de que um grupo de algarvios pretende levar a efeito a transladação dos restos mortais de João de Deus para S. Bartolomeu de Messines.

Porque no nosso Paiz as ideias abundam e as realisações escasseiam, sinto o justo receio de que se não dê a acção necessaria a essa iniciativa. N... sei donde ela vem, nem que factos a provocaram. O que reconheço, é que tal ideia deve ser perfilhada por todos os espiritos, — pois ela resume em si um mundo de delicadesa, e uma vasta compr ensão da obra e da gloria de João de Deus.

Os homens pertencem ao Universo, é bem verdade, puras, para a certeza dessa posse, tanto monta que um corpo se con suma entre capiteis e filigranas de marmore na penumbra de uma igreja, como na paz bucólica dum cemiterio de aldeia, entre rosas e goivos.

A consagração nacional que representa o acto de depositar a urna de João de Deus numa capela dos Jeronimos, está cumprida.

Desse exemplo magnifico, as gerações aproveitaram largamente o estimulo de lutar pela imortalidade, e o respeitoso amor pela memoria do Poeta, — aquelas gerações que só pensam na Beleza imortal deante dos exemplos, e que só respeitam os Poetas porque vão dormir o ultimo sono na explendida suntuosidade dos Jeronimos...

Afinal, o que resta hoje da grande Apoteose onde o seu nome vibrou como o nome mais amado de Portugal?

Um eco apenas da aclamação ruidosa dos Estudantes deante da sua casa humilde, numa manhã de chuva torrencial, com discursos e vivas, e a romantica figura do Hylario ajoelhada na rua a soluçar um fado... E a evocação conduz-nos em face desse caixão coberto de poeira, de que os jornais agora se ocupam, num clamor, e onde apodrecem meia duzia de saudosas corôas velhas, o que, (sem recorrermos á amarga sabedoria do Rei Salomão), em nada prolonga a memoria do Poeta, e pouco mais constitue do que um regosijo para o turista que, no dizer de Ibañez, vê tumulos ou armazens de modas no mesmo «oh!» consolado que é, acima de tudo, um farto reconhecimento pelo seu precioso, meticuloso Baedecker...

Messines é a aldeia onde João de Deus nasceu, e sempre nos versos do Poeta a simplicidade da sua aldeia gorgeou em amores simples e melodias simples.

A maior gloria para um Poeta como João de Deus, que por si proprio se considerava Poeta popular, e que foi, e é, amado pelo Povo como ninguem, está na modestia desse tumulo em que, certamente, o grupo de algarvios pensa, — ao pé da casa onde nasceu, diante da paisagem onde sonhou e amou, sóbrio, leve, caiado talvez, no meio dum canteiro de flores do campo, — que foram, entre tantas flores lindas, aquelas que mais amou...

JOSÉ DIAS SANCHO

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.º — Tel. C. 5020

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 — RUA DA PRATA, 250, 2.º

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

Nacional Telef. N. 3049
CONSTANTE GARGALHADA
A VIUVA GOMES
Graciosissima critica aos costumes da actualidade

O PROGRESSO

UMA DIGRESSÃO

PELO BAIRRO OCIDENTAL

Scenarios historicos retrospectivos

Da marginal do Tejo aos visos do Monsanto dilata-se, em mais aberto anfiteatro, este grande trecho urbano e rural, com que, contemporaneamente, se engrandeceu o municipio olissiponense.

Concepções politicas levaram a que se decretasse esse engrandecimento singular.

Naquele trecho, enlaçaram-se, topograficamente, Alcantara, Belem e Ajuda. A esta triplice toponimia, varios, interessantes e maiores factos historicos, correspondem. Uns, a sombreiam; outros a iluminam de rutilos clarões que o decorrer de alguns seculos escureceu ainda. Que tais factos são para eterna memoria, segundo melhor lição.

Realisando-se aquelas concepções, o municipio de Belem expirava na sua autonomia!

A voz austera que nele presidira, enaltecendo os fóros, advogando as regalias municipais, pedras de angulo da nacionalidade, voz que, traduzida em factos, vinha enflorando o brazão historico desse municipio, pelos factos que relembrava não poude já verberar a sua extinção. Aquele brazão deixava, pois, de figurar entre os estandartes municipais, contrariamente ao seu significado nos fastos nacionais, e ás aspirações de Alexandre Herculano, que tanto se empenhara, com os esmeros da edilidade que o teve como mentor em rasgos superiores — em modelar criteriosamente a estructura economica e social daquele quadro municipalense.

* * *

Da notada toponimia, a expressão de maior relevo historico, é Belem. Ficou estampada numa e noutra das estrofes dos «Luziadas».

Para os mais gloriosos dias da nacionalidade portuguesa; para os prodomos em que se concertaram energias e se aconselharam audacias, que se mediram em maiores comentarios; — Belem assinála-se qual marco miliario, no grande itinerario da nossa epopeia maritima.

Arrabalde, então, nesses remotos dias, da cidade que do alto das suas sete colonias se ia reminando nas aguas caudalosas e scintilante do Tejo, esse arrabalde, que uma ampla Curva marginal definia, assim alcançava destacar-se com a formação da enseada do Restelo. Nesta encontravam abrigo frageis bateis de pescadores, e amplo fundeadouro seguro as caravelas e galés, no remanso das aguas, e quando, a curta distancia delas, os grandes massiços calcareos, contrafortes do Monsanto, e mostravam como protecção contra as lufadas do norte mais asperas.

Atraiu, cedo, as vistas do inclito infante D. Henrique, este trecho do arrabalde, estancia de pescadores. Dotou-o ele com uma modestia ermidinha que veiu sendo de devoção e tambem baliza e farol para os operarios do mar na hora da tormenta e dos escarceus a surpreende-los na sua faina e toda a salvação das proprias vidas estava em alcançarem com os seus lenhos de pesca a ensiada do Restelo.

* * *

Aquela modesta ermidinha erguida sobre as brancas areias do Restelo sob a invocação de «Santa Maria de Bethlem» escutou as preces frementes de milhares de vozes na hora em que se embarcavam uns tantos portugueses nas caravelas do comando de Vasco da Gama, fundeadas na enseada e breve abriram as suas azas aos ventos do oceano por alcançarem dilatar a esteira, das que o nauta Bartolomeu Dias, levára a rasgar por entre os embates do «Tormentorio».

Lançou-se a primeira pedra do monumetal Templo de Belem, em principios de 1500, e quando ia já regressado a Lisboa Vasco da Gama, confirmando a noticia trazida antes por Nicolau Coelho, de terem alcançado a terra da India, em Calecut, as caravelas saidas do Restelo em 1497.

Assinou-se para aquele grande monumento comemorativo do descobrimento do caminho maritimo para a India, a orla da enseada do Restelo.

Essa eleição do terreno para assento do historico e grandioso padrão, diz-nos, quando o par de antigas memorias, traçamos a topografia local, que a essa eleição presidiu um pensamento mais alto de bem inspirados vôos.

Levou, não levou, essa eleição, a que se demolisse a ermidinha do Restelo, doacção do infante D. Henrique?

Ha quem opine que essa deemolição se deu, a tanto levando o rasgado truço daquele maior monumento.

Contrariamente, aponta-se, ainda hoje, um vetusto e estreito predio cujas linhas arquitetonicas, um tanto deturpadas, ainda comtudo lembram a das ermidas das povoações rurais. E, reconstituida aquela topografia, a situação desse predia corresponde ás reproduzidas vozes camoneanas. Tem ele ainda por si outras tradicionais, que nós mesmos escutámos, dando-lhe a expressão, algo desfigurada, da ermidinha do Restelo.

Registou a posse desse predio, e muito cabe citar o facto, a administração do Hospital de S. José. Por ela foi, recentemente, alienado por bem modesta importancia.

Talvez não tarde a demolição do vetusto singelo padrão, que, ás nossas vistas, ele representa.

Instigados por aquela tradição escutada, empenhámo-nos em guardar uma fotografia desse predio. Devemo-la á maior amabilidade do sr. José Gomes Ferreira, funcionario da Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia.

Favor que muito lhe agradecemos.

* * *

Aos scenarios do passado, e que trazemos esboçados no movimento que os animou no historico arrabalde do Restelo, enlaçam-se, pelos grandes monumentos aí levantados e sobremaneira decorativos os que o progresso, na sua evolução, vem trabalhando, e cumprindo-lhe, por isso, delinea-los com particular esmero, nas suas linhas gerais, a fim de não ficar prejudicado o realce, nem ofendida a especial expressão aparente mais alta daqueles singulares florões arquitetonicos.

De ponto compativel é, sem duvida satisfazer este objectivo, e servir exigencias, mais positivas e de ordem estreitamente estilitaria.

No terrapleno que, desde Alcantara-mar á Torre de Belem, cobriu em larga extensão areias do Tejo, e apagou a linha de contorno da enseada do Restelo, bem era que assentasse um plano de acertados traços.

O bairro de Belem é vincadamente historico. Os grandes monumentos que nele se levantam, eloquentemente o atestam.

São, porém, grosseiros, muitos dos aspectos que aí se deparam, desenhando-o qual sertanejo burgo que a civilisação tem esquecido.

Quando ela aí se afirme, esmeradamente disciplinada, as proprias tantas pedras dos monumentos que esse bairro decoram, dar-lhe-hão a grandeza dum quadro que lisongeará o criterio dos que versam a Historia, e da Arte são sacerdotes de largas vistas e de mais primorosa lição.

Assim o entenda, para sua gloria a Edilidade lisbonense, traçando e executando, mais largo e racional plano dos aformoseamentos de que carece o bairro de Belem, da marginal do Tejo aos visos do Monsanto.

F. Julio Borges
engenheiro-agronomo

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Julia Pereira Peixoto Sarmento de Queiroz, D. Eugenia Guedes de Menezes de Portugal Teixeira de Queiroz.

E os srs.:

Conde de Campo Belo, D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara (conde de Belmonte), Fernando Perfeito de Magalhães e Menezes Vilas Boas, João Henrique Andresen, Jaime Segurado Ferreira Caio, Artur Mendo Tavares e Francisco Rego Abreu de Rezende.

«Rendez-vous» elegantes

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» ámanhã de tarde nos Salões Foz e Chiado Terrasse, onde se efectuam as sessões da moda e hoje á noite no Teatro Maria Vitoria, primeira recita da moda com a espirituosa revista «Fado Corrido», que tanto exito tem obtido e cuja frequencia tem sido das mais distintas.

Baptisado

Na Bazilica da Estrela realizou-se há dias a cerimonia do baptisado de um filhinho da sr.ª D. Mariana de Vasconcelos e Sousa de Avila Amaral e do sr. Antonio José de Avila Amaral, tendo sido dado á gentil criança o nome de Luís.

Serviram de madrinha Nossa Senhora da Conceição tocando a avó materna sr.ª D. Leonor de Avila Amaral e de padrinho o sr. D. Luís de Vasconcelos e Sousa, avô materno.

Veraneios elegantes

Luzo, 16 de julho. — Ontem, pode dizer-se, foi a inauguração oficial do Casino Ostende, desta elegante terma, com a realisação de um «chá americano», de tarde, na vasta sala de baile do Casino, organisado pela senhora D. Laura de Figueiredo e pelo sr. Roger Jorge dos Santos, com o auxilio do actual director do Casino sr. Alberto Pereira Correia (filho), que foi de uma inexcedivel amabilidade para os organisadores, pondo-lhe gentilmente á disposição a sala e o esplendido sexteto.

As mesas encontravam-se dispostas artisticamente, oferecendo a sala um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande numero de senhoras, que faziam realçar a esplendida decoração da sala, com as suas vistosas «toilettes».

Além de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das 7 horas da tarde, tendo em um dos intervalos da musica os srs. José Lopes de Figueiredo, Ruy Lopes de Figuuiredo e Fernando de Macedo deliciado a assistencia, recitando lindas poesias, sobretudo o ultimo, que mais uma vez teve ocasião de evidenciar as belas qualidades de «disseur».

Na assistencia, que era numerosissima, via-se tudo que de melhor se encontra actualmente passando o verão nesta encantadora terma.

Dentro de alguns dias deve realisar-se, organisado por um grupo de rapazes, um esplendido almoço. — *D. Nuno.*

Pic-Nic

Organizado por um gentil grupo de meninas da nossa primeira sociedade realizou-se na quinta da senhora D. Amelia de Oliveira Napoles de Carvalho e de seu marido o sr. Carlos Napoles de Carvalho (Chanceleiros), ao Cacem, um pic-nic que decorreu muito animado, tendo-se cançado nas magnificas salas do palacio até bastante tarde.

Na assistencia notavam-se as senhoras:

Madame Cantillo e filha, D. Teresa da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e filhas, D. Maria Cristina e D. Maria Adelaide Ulrich Arouca, D. Maria Adelaide de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Luisa Freire de Andrade, D. Emilia de Abrim Borges, etc.

E os srs.:

D. Antonio Pereira de Forjaz, dr. Luis Maciera, José e João de Ornelas Bruges de Oliveira, Antonio Sarmento, Narciso e Manuel Freire de Andrade, Antonio e Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Henrique Ahrens Teixeira, Fernando e José de Almeida e Vasconcelos, Alvaro de Magelhães, Armando Castelo, José Alegro, Eduardo Pinto Leite (Olivais), Hermano de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), Antonio Pereira de Aguiar, João Seabra Requete, etc.

Os ilustres donos da casa foram incançaveis de amabilidade para com todos os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas qualidades de caracter.

Em viagem

Encontra-se no Luzo, ido da Figueira da Foz, o capitão de artilharia 2 sr. Carlos Luiz Pereira de Almeida.

— Regressou de Alpedrinha o sr. João Caldeira Bourbon Pinto Geraldes.

— Está no Porto o sr. Carlos de Semer Alzina.

— Regressou do norte o sr. Abreu Loureiro.

— Acompanhado de sua esposa, encontra-se no Porto o sr. dr. Luiz de Noronha Vasconcelos Porto.

— Com suas gentis filhas, partiu para Alpedrinha a senhora D. Maria Izabel de Lencastre Fiuza.

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças Cirurgia infantil
Das 4 ás 6 — CHIADO, 36, 2.º — Telef. C. 5020

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO. 140

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer)
Recinto de recreios e diversões
TODAS AS NOITES
— CONCERTOS DE JAZZ BAND —
Aberto das 6 da tarde em deante

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção — C. 3194 Administração — C. 3195

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

DE QUINTA-FEIRA

POR NORBERTO DE ARAUJO

O CAMINHO DE MINHA CASA — UMA PAGINA DE JUNQUEIRO, QUE SE NÃO LÊ — O SANTO OFICIO, E AS PEÇAS NOVAS — QUEM MATOU AS CRIANÇAS? — O HOMEM PERDIDO NA RUA

Meu velho leitor amigo:

Cheguei ha pedacinho a casa. É madrugada. Trepar do centro da cidade ao meu bairro morto — é ler um capitulo de meditações. Gosto de andar depressa, e... vim a pé. A contrariedade dispoz-me bem. Eu compreendo ás vezes a alegria dos monges, como compreendo sempre a tristeza dos fartos de felicidade e de fortuna. Ter tudo, não haver espaço para faltar cousa alguma, é possuir qualquer cousa de vida — a menos. Uma contrariedade, que não atinge terceiro, é um estimulo á energia de viver. E, assim como ha pessoas que só vêem as cousas de olhos fechados, assim ha almas que só sentem o tumulto na hora da quietação. De madrugada, a quietação é fresca, consoladora, amicissima. O mundo parece diverso. Quando, subindo a rua Alexandre Herculano, comecei a ver as casas velhas do Rato, os telhados dos casebres oitocentistas que ainda lá há, a um canto — tive a impressão de que ia a entrar numa aldeia inédita para meus olhos. Tudo branco; tudo fôfo, rural, simples. Depois, subi as Amoreiras. Tranquilamente, passeavam por ali aromas de baunilha vindos das quintas perto; um vago perfume de oliveiras em flôr, que devem descer dum olivedo oculto, andava pelo ar, confundindo-se com uma respiração subtil, discreta, que vem das arvores, onde talvez haja ninhos. Rua abaixo, desciam operarios, imamulados do sacrificio de se levantarem cedo, saquitel suspenso, no rosto severo aquela *patine* de aspirações que anda na face dos que trabalham desde que o mundo é mundo, e que é a unica herança deixada pelos operarios uns aos outros.

Sentei-me á mesa de trabalho, de onde se vê a serra, e, mais perto, os telhados das casas, e, mais perto, os cravos da varanda, e, mais perto ainda, o cantar dos galos, que é tão glorioso, tão vivo, que quasi se palpa, e é cousa de ver.

Espreguiçava-se, á primeira tinta do dia, a naturesa toda, sacudindo o lençol da noite. Vai começar a fadiga!

Ah! Para quantos homens a noite é um tropel, uma tempestade escura; e para quantos deles a agitação do dia é o unico descanso, colchão unico de penas, onde as paixões se refestelam, bebados do whisky dos sonhos.

* * *

Junqueiro veiu um dia a minha casa. Foi ha cinco anos. Na saleta onde ele esperou por mim; nos moveis que ele tocou; nos objectos de arte que ele sentiu; num cofresinho espanhol, falso como Judas e lindo como S. João, sobre cujos relevos os seus dedos longos, esculturais de belesa mistica, passearam uma volupia de antiquaria ilusoria; no craneo de uma caveira que eu tenho a recolher cinza; e no rosto de um pequenito que se lhe foi sentar nos joelhos, e que ele afagou, como se o poeta fosse um companheiro mais velhinho do colegio — em tudo isso anda ainda e vive ainda a claridade daquela visita, sagrada e palpavel como o proprio canto dos galos.

O poeta não vinha cumprimentar o jornalista, nem saudar o amigo, nem honrar o admirador. Vinha pedir que eu não publicasse uma entrevista que ele me dera na vespera — vivida, fulminante, pagina de sarcasmo e de lirismo — e da qual se arrependera.

Rasguei-a á sua vista. Guardo os pedaços; nunca mais lhes toquei desde a tarde da visita. Ha naqueles farrapos de papel qualquer cousa da sua emoção, na hora confessa das sinceridades. Não está ali o poeta, o crente, o patriota. Está o Homem. Não vive ali o artista nem o pensador. Vive o barro que faz o artista e o sopro que faz o pensador. Já agora, deixarei correr um quarto de seculo, que eu já não distinguirei, sobre aquela pagina de jornal. Numa outra entrevista que fiz com o Poeta, ha ano e meio, em Santa Catarina — e que escrevi e recolhi — o genio profetico do Poeta errou tudo. Senhor Deus! Tanto erro! Mas naquela — é tudo certo e rutilante, como a propria luz que vem da aurora. Estou a vê-lo...

Guardo aqueles pedacinhos de papel, inspirados por ele, rasgados por ele, como se guarda uma reliquia fluida; como no fundo de um frasco se conserva um aroma. Quando ponho o ouvido á escuta, ouço dentro da gaveta a sua voz debil e profunda, como uma harmonia coral e doce ainda no coração de um orgão, calado ha muitos seculos.

* * *

Não fui ver a peça de Antonio Ferro, porque chegára de fóra e vim doente. Antonio Ferro, para mim, é sempre companheiro de Italia. E que explendido companheiro! Do seu talento não me assombro, e dos seus processos literarios não curo. Ferro é um espirito scintilante, com a mania de que tem amigos e de que tem inimigos, e não tem uma cousa nem outra, Não estuda, mas trabalha. Depois — é leal. Virtude suprema. Mas se não fui á peça do Ferro, e por isso dela não falo, sobeja-me autoridade e coerencia para protestar contra a intervenção de três esbirros graduados na carreira do seu trabalho, proibindo-o por imoral para dar uma tinta de bons costumes á função da segurança publica, que consente a pornografia nas revistas, e com ela ri ás gargalhadas, das primeiras ás centessimas, na frisa gratuita da autoridade, perto do palco. Protestei contra o *assunpto* da peça do dr. Cortêz — pelo unico processo que eu tinha para protestar, e que repetirei ámanhã se o sr. dr. Azevedo Neves e o chefe da claque m'o consentirem — mas se a policia se metesse em funções onde não é chamada, e proibisse o *Lodo* por imoral, eu ver-me-hia obrigado, apenas para estabelecer uma posição e evitar mais equivocos, a voltar contra o Santo Oficio a sanha que tomei contra um estendal inutil, inestetico, ainda que muito «catolico» que se exibiu no Politeama. Mas, meu velho leitor amigo, o *Mar Alto* ha de ser outra vez representado, e, se tens mocidade, se tens alegria, e se tens caracter, vai lá e pateia ou aplaude, como quizeres e entenderes — ainda que tenhas tambem, como toda a gente, uma peça para caír...

* * *

No *Diario de Lisboa* é assim: pedra a quem toca. A mim, tocou-me ir «fazer» o crime do Triplice Infanticidio, ou o Misterio da Rua da Escola Politecnica, logo desvendado.

Ah!

...E o caso é que a propria policia, tomando-me como arguto, me perguntou, confidencialmente, sob o lampeão velho da entrada da casa do actor Ferreira da Silva, junto a um *panneaux* de azulejo, que fala do seculo XVIII, jesuitico e sonambulo:

— E ao senhor que lhe parece?

Eu disse:

— Quem cometeu os crimes não foi a Mulher. Foram as mulheres.

Eu já vira tudo, e relanceara meus olhos pela figura alta, quasi galante, serena, da filha da casa, que me convidára a subir. Julgára-me iluminado.

— As mulheres — teimei. As que andavam a dias.

Eu já o escrevi uma vez: ha tanta diferença entre a Mulher e as mulheres, como ha entre o bem e o mal, a luz e a sombra, o espirito e a materia. As mulheres criam a vida; a Mulher ilumina a vida. As mulheres matam as crianças; a Mulher alimenta e confessa e mostra o filho.

Abençoada ela seja!

Mas eu enganei-me. Quem fez o crime não foram as mulheres. Nem sequer, por equivoco de Deus, neste caso, foi a Mulher. Enganei-me sempre.

Quem cometeu o crime — foi o homem.

* * *

Eu ia por um sonho fora, de noite, numa cidade desconhecida. Depois das duas horas, não podia andar ninguem pela rua, e eu, que perdera a conta ás horas e á rua, já não sabia por onde ia. Procurava o hotel e não o achava. Não havia maneira de o achar. Avenida por onde eu me metesse ia dar ao mar, travessa, ia dar ao campo, rua, ia dar ao cemiterio. A's vezes — era um bêco. Se me encontrava num largo, e tomava por uma arteria nua, sosinha, calada, que lá me parecia que havia de ir dar ao meu albergue, voltava a encontrar, não sei porque artes de labirinto, a mesma Praça. E isto ia durando todo o sonho e toda a noite. Fazia frio; eu não ia preso por andar fora de horas só porque naquela cidade não havia policia — que era o maximo da civilisação.

Ora, a certa altura, já quasi manhã, encontrei um homem a uma esquina, parado e contente de se julgar só. Preguntei-lhe então o caminho do hotel, e ele logo ensinou:

—O senhor vai por esta rua; passa um largo; corta á esquerda; deixa o edificio grande da Universidade; volta á direita, uma Praça onde ha uma estatua a Apolo e outra de Jesus Cristo. Segue, corta á esquerda á linha dos electricos, deixa a catedral, atravessa os jardins, onde os lagos choram e as estatuas pensam, e ao fim da Alameda tem o seu Hotel,

—Obrigado.

Ele ainda diz:

—Mas, se quere, tem outro caminho...

E ensinou-me por outro lado outra caminhada, passo a passo; a Igreja, o Largo, a estatua, o parque, o Parlamento, a fabrica, o cemiterio.

E vai eu, então, perguntei:

—E o senhor que está aqui a fazer?

—Eu... ando perdido.

Tanta gente que vai perdida na existencia, sabendo, muito bem todos os caminhos!...

Norberto de Araujo.

Uma novidade de sensação

Um grande sucesso teatral da actualidade vai ser representado ao mesmo tempo em dois teatros

As emprezas dos teatros Maria Vitoria e S. Luis resolveram exibir ao mesmo tempo naquelas duas casas de espectaculos a triunfante revista **Fado corrido,** facto que pela primeira vez se regista nos palcos portugueses. Esta resolução confirma do modo mais cabal o grandioso exito obtido no primeiro daqueles teatros pelo delicioso e deslumbrante trabalho de Alberto Barbosa, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues. Sendo a lotação do elegante teatro Maria Vitoria insuficiente para comportar o numerosissimo publico, que consagrou com as suas sinceras simpatias o **Fado corrido** — bem fazem as duas emprezas, montando no S. Luis, embora á custa de novas e fabulosas despesas de enscenação, a revista que tão grande exito está registando no teatrinho do Parque Mayer.

E' dificil produzir no actual momento uma obra que no genero se assemelhe, pelo seu espirito, pela sua graça inofensiva e honesta e pelo deslumbramento de scenarios e guarda-roupa, ao **Fado corrido.**

Dessa dificuldade e do sucesso atingido, nasceu a ideia que vai ser posta brevemente em pratica e que ha de levar ao teatro de S. Luís muitos milhares de espectadores. Nenhum elemento artistico do elenco do Maria Victoria transitará para o S. Luís. A Companhia que ali vai interpretar o «Fado corrido» é inteiramente diferente. Podemos já dizer hoje aos leitores que o «compère«, que no Maria Victoria é brilhantemente desempenhado pelo actor Carlos Leal, foi distribuido no S. Luís ao popular actor Alberto Ghira, que acaba de regressar do Porto. A actriz Elisa Santos, que o publico muito admira, terá a seu cargo os papeis que pertencem no Maria Victoria á querida actriz Laura Costa.

As diferenças de interpretação, resultantes das diversas feições artisticas dos interpretes, constituirão para o publico uma original apreciação de confronto. Amanhã daremos novas noticias sobre este interessante acontecimento teatral.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO. 74

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Depois da guerra...

Acaba de ser publicado em França um livro de Henri Ghéon, intitulado «L'homme né de la guerre.» (Témoignage d'un converti). Esse livro conta como Henri Ghéon, artista e esteta, se converteu, no «front» da Belgica, em 1915, e deve ser dum profundo interesse para os que seguem a evolução religiosa, esta aurora que se levanta, serena e pura, cuja luz, depois da guerra, gradualmente aumenta, apagando os miseros fachos que a humanidade procura acender, julgando que podem substituir a eterna claridade do Infinito.

Henri Ghéon tem para nós, tambem, agora, o interesse especial da sua ardente campanha para cristianisar o teatro. Sendo o teatro um dos grandes meios educativos, um daqueles que mais facilmente conseguem espalhar ideias, sugerir impressões, comover, atrair — tanto pelo talento dos autores como dos actores — a iniciativa de cristianisar o teatro, a ser bem compreendida, bem tratada, bem oferecida ao publico, com arte, com inteligencia, com gosto, deve ter um alcance incalculavel.

Nada posso dizer das peças de Henri Ghéon («Le pauvre sous l'escalier» «Trois miracles de Sainte Cécile», etc.) por que não as conheço, mas, falando em geral, quem tenha o senso do teatro, quem saiba dar vida e alma ás figuras, que belas coisas poderia fazer!...

Há em nós um misterioso sentimento que pede beleza elevada e pura, que na estetica das suas linhas morais e materiais nos dulcifique, nos repouse, nos afaste da vulgaridade do mal.

Ha tão grandes figuras historicas! Ha tão doces figuras regionais! Ha tão sublimes figuras religiosas!

E lendas? Quantas se prestavam a dar largos horisontes a uma imaginação rica!

A nossa epoca é excessivamente pratica e positiva e por isso mesmo, talvez, é preciso que a imaginação dos previlegiados saiba suprir a falta de imaginação da maioria.

Sente-se que o que o publico procura e deseja não é o que lhe dão. Ha lutas, comentarios, entusiasmos, malquerenças, partidos, mas a ancia fica insatisfeita. Serão os que seguirem a ideia nobre de Henry Ghéon que virão responder a essa obscura anciedade?...

Maria de Carvalho

N. B.—*No meu* Chá das cinco *da passada semana, num verso que citei de Guerra Junqueiro, houve dois erros tipograficos. Se os versos fossem meus dispensaria esta nota, sendo de Guerra Junqueiro considero-a uma obrigação.*

Maria de Carvalho

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
°/Londres, cheque	2 5 32	2 9 64
» 90 dias	—	—
°/Paris	1$425	1$430
°/Berlim	0,9	0,13
°/Holanda	9$515	9$590
°/Madrid	3$460	3$490
°/Bruxelas	1$176	1$185
°/Roma	1$045	1$052
°/Suiça	4$235	4$280
°/Suecia	—	—
°/Noruega	—	—
°/Dinamarca	—	—
° Nova-York	24$100	24$250
°/Brasil	—	—
Rio ° Londres	—	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

IDEIAS DE UM LOUCO

Uma viagem á volta do mundo a cavalo

As despesas seriam cobertas por concertos de pifaro

O Carlos dos Santos Martins — diziam hoje de manhã os jornais — é sapateiro, toca pifaro, e é maluco. Porquê? Porque — acrescentavam—o pifaro é de folha, e o homem, ontem, ás tantas da noite, pretendeu levar do quartel de cavalaria da G. N. R., no Cabeço de Bola, um cavalo branco no qual se propunha dar a volta ao mundo. Os colegas desculpem; mas achámos pouco provativos os argumentos. Ser sapateiro é ter uma profissão honrada como qualquer outra, e lucrativa como poucas; pifaro, qualquer toca, seja de ébano ou de folha o caricato instrumento; dar a volta ao mundo a cavalo, parece-nos mais pratico e mais inteligente que fazê-lo a pé; ter uma mania, tambem não vemos que seja motivo de extranhezas numa terra em que toda a gente tem, pelo menos, a mania perigosa de perceber de tudo sem perceber de cousa nenhuma.

Nada! Tinhamos que ir ver o homem. E fomos. E encontrámo-lo num calabouço do Governo Civil, onde a policia o arrecadou por ter tambem a ideia fixa de que o Martins está maluco.

* * *

Conte lá como foi isso. E ele contou:

— Isto é cá uma ideia que eu tenho ha muito. É uma viagem de circumnavegação que se hade fazer, dê por onde der.

— A policia, pelo visto, é que não deixa...

— Tem que deixar. Ora essa... Então o Gago Coutinho não foi ao Brasil? Então o Sacadura não vai tambem dar a volta ao mundo? Então os outros não vão para onde querem? Eu, quando fôr, vou á minha custa... Levo o pifaro, e não preciso de mais nada.

— Mas você, pretendendo levar um cavalo da Guarda Republicana, parece que queria fazer a viagem á custa do Estado...

— Nada disso... nada disso... O cavalo era só para fazer um «raid» aqui na cidade.

— Era um «vôo» de experiencia.

— Sim senhor. Montava-me nele; dava uma volta pela baixa a tocar no pifaro; e ia lá pô-lo outra vez. Depois, apresentava então o meu plano.

Começavamos a crêr que o Martins era, na verdade, maluco. Mas fomos inquirindo:

— E esse plano? Você deve ter pensado maduramente no caso...

— Pois pudera! Nem penso noutra coisa. Arranjo um mapa, vou-me guiando por ele... camisa de «sport» já eu tenho. Olhe...

Exibiu os colarinhos de palmo e meio de uma camisa branca desgólada; deu um geito ao chapeu para o pôr com queda de pandego; salientou o peito ossudo como um atleta a fazer poses plasticas; e explicou:

—Pois por me verem assim, vestido de «papo seco», é que eles me receberam com todas as honras no quartel. Pensaram que eu era algum desses meninos finos que p'r'aí andam... percebe?

Dissemos que sim, por achar de boa tactica não o contrariar; e o Martins, convencendo-nos pouco a pouco de que efectivamente é maluco, foi informando:

—Foi pena não me emprestarem o cavalo. Era bom para o fim que eu queria. Baixo, redondo, branco... aquilo estava mesmo a calhar...

—Você sabe geografia a fundo... hein?

Sorriu, num tregeito de modestia, e respondeu assim:

—Ora... o senhor está a mangar comigo... Então não se pode ser ministro sem perceber nada de politica? Então não se pode ir a Roma sem saber ler? Então não se pode fazer fortuna no comercio sem nunca se ter sido comerciante? Então não se pode ter uma sapataria sem se saber deitar umas gaspeas?

Iamos julgar que se lhe reaprumara o juizo, mas ele «cantou a tempo», acrescentando:

—Eu já fui sósinho até aos Olivais. E se me perdi, foi porque não levava o mapa. Senão...

—Senão o que?

—Senão, já dessa vez tinha dado a volta ao mundo.

* * *

Os outros presos deram em rir, fazendo troça do visionario. E o Martins ia conversando muito seguro de si:

—Sou um homem forte. Não me queixo de doença nenhuma.

Bateu na taboa do peito para mostrar que era resistente, e elucidou ainda:

—Tomo banhos de sol, tomo banhos de sol.

—E' casado? Tem familia?

—Não senhor. Livra! Estou no estado primitivo! Cômo hervas, sou vegetariano...

—E o pifaro?

—O «pifaro» está aqui — respondeu apalpando-se a procurar o instrumento.

Achou-o, depois de uma pesquiza rapida, no bólso falso do casaco; e, para nos dar uma amostra da sua pericia musical, pôz-se a executar num canudo de lata, depois de haver perguntado se a policia consentia, uma cantiga popular que começa assim:

Dá cuspo... no cordeli...nho...

* * *

E lá ficou, atraz das grades, a acabar o concerto; muito convencido de que o pifaro lhe basta para fazer fortuna e para dar a volta ao mundo.

A' despedida, soltou lá de dentro, do calabouço, muito contente, um grande viva á liberdade.

Agora já nós podemos garantir aos leitores que o homem é, realmente, maluco.

MONUMENTAL CLUB

(Palacio de S. Luis)

Comunicado aos ex.mos socios

Tendo a direcção do Monumental Club recebido dum numeroso grupo de socios um abaixo assinado estranhando e pedindo esclarecimentos sobre o encerramento do Club que dura ha mais de dois meses, vem por este meio, e na impossibilidade de responder a cada socio de per si, fazer sciente do seguinte:

Desde que por uma arbitrariedade foram apóstos os selos e retirados 24 horas depois, dia a dia, procura junto de Suas Excelencias os Senhores Ministro do Interior e Governador Civil do Districto, que o Club seja reaberto e lhe sejam facultadas as respectivas licenças.

Embora este Club tenha concorrido para a Beneficencia, desde Dezembro de 1922 a Abril do ano corrente, com a quantia de Esc. 32.625$00, e portanto tenha direito ás regalias de que gosam outros Clubs, o certo é que não tem obtido das estações competentes o justo deferimento da sua legal pretensão.

A Direcção espera que até sabado, 21, Sua Excelencia o Senhor Ministro do Interior defira o requerimento que está para despacho, favoravelmente informado por Sua Excelencia o Senhor Governador Civil, e se até esse dia não fôr autorisada a reabertura do Monumental Club, novamente dará por este meio conhecimento aos Exoelentissimos Socios, de todos os factos que ha dois meses se têm passado.

Lisboa, 19 de Julho de 1923.

A Direcção.

Pelos teatros

Teatro da Trindade

Ainda não está determinada qual a Companhia que deve trabalhar no teatro da Trindade no momento da sua inauguração. Este assunto só será resolvido no regresso do Brasil do ilustre empresario sr. José Loureiro, que para ali parte no final do mês corrente, a bordo do «Lutetia». O que é certo é que as Companhias Aura Abranches, Chaby Pinheiro e Palmira Bastos transitarão na proxima época por aquele teatro, assim como quaisquer companhias estrangeiras. As obras prosseguem activamente, tudo indicando que o teatro estará concluido em meados de Outubro.

André Brun

Meu caro Joaquim Manso: — De uma noticia ontem publicada no «Diario de Lisboa» depreende-se que eu, como alguns camaradas de letras, tinha assinado uma representação ao governo protestando contra a proibição das representações do «Mar Alto».

Não é bem assim. Prometi a Aquilino Ribeiro a minha assinatura para um protesto contra toda e qualquer censura. E tenciono assiná-lo com a seguinte declaração: «Condescendo em que os governadores civis proibam certas peças desde que os autores dramaticos tenham o direito de proibir certos governadores civis.—Seu André Brun.

Atrás do reposteiro

A «Troupe Portugalia» termina ámanhã os seus espectaculos no teatro Goya, de Barcelona, demorando até ao fim do mês no teatro Barcelona, da mesma cidade.

—Os principais papeis da peça «As pupilas do sr. reitor» com que a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho se estreia no Apolo, em Agosto, foram assim distribuidos: «Joana», Maria Matos; «Guida», Irene Gomes; «Clara», Georgina Cordeiro; «Prior», Antonio Gomes; «José das Dornas», Santos Oliveira (Oliveira do Porto); «João Semana», Duarte Silva; «Daniel» Penha Coutinho; «Pedro», Abilio Alves.

—A companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar para os espectaculos que vai realizar no Polileama em Agosto e Setembro não abre assinatura, mas o camaroteiro regista desde já os pedidos para a recita inaugural, que se efectua com a peça «A Garra».

—Durante o mez de Agosto, funcionará no Teatro Cine Parque da Figueira do Foz uma companhia de circo, sendo um dos «clowns» o palhaço português José Figueirôa.

—O teatro Avenida de Coimbra está sofrendo grandes melhoramentos no palco devendo ser substituidos todos os camarins, que ficarão bastante amplos e confortaveis.

—Estreia-se hoje em Braga a companhia Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo e Sacramento com a peça «A mãe».

—A revista «Bichinha-Cata», em scena no Avenida, está batendo o «record» da concorrencia, agradando todos os seus numeros, especialmente o dos «Bonbons da Suiça», no qual um grupo de raparigas distribue aos espectadores, autenticos chocolates daquela fabrica.

—No Nacional vai fazer-se «reprise» da peça «Os 20 mil dollars», subindo á scena em seguida a comedia de Alfredo Testoni, «Il Sucesso», adaptação de André Brun com o titulo de «A tipoia do Catita». Os principais papeis são desempenhados por Maria Fia, Irene Grave, Joaquim Costa e Clemente Pinto.

— Chegou hoje a Lisboa, vinda do Rio de Janeiro, a companhia Ruas que viajou com a companhia francesa de Gabriela Dorziat.

—Despediu-se do publico do Rio de Janeiro a companhia Cremilda de Oliveira Chaby Pinheiro, com a comedia de André Brun «Vida de um rapaz gordo», em recita da actriz Jesuina de Chaby.

—Sobe ámanhã á scena no Politeama a peça «O cambio de... Marcos», adaptação de Tomás Ribeiro Colaço, que vai posta com o maior esmero, fazendo Robles Monteiro o principal papel.

—Abre no dia 21 o «Teatro Eldorado», do Parque Mayer com uma companhia de variedades de que faz parte o ventriloquo Caballero Castilo e a sua «troupe» de bonecos falantes.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21,15—«Casa de boneca».
Nacional—Ás 21—«A Viuva Gomes».
S. Luis—Não ha espectaculo.
Politeama—A's 21—«Ordem de marcha».
Avenida—Não ha espectaculo.
Apolo—A's 21,15—«Morgadinha de Vale Flor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

PORTUGAL E BRASIL

OS FINS

DA VIAGEM

AO RIO DE JANEIRO

de José Osorio de Oliveira

O moço escritor José Osorio de Oliveira cujo nome andou nas colunas dos jornais quando preso como implicado numa conspiração nacionalista e que recentemente editou o seu interessante estudo sobre E. de Queiroz e Oliveira Martins, partiu para o Brasil. Na hora da despedida trocámos com ele algumas breves palavras:

—Quais os motivos da sua viagem?

—Por um lado a livraria que minha mãe deixou instalada na sua recente passagem pelo Brasil.

—Além disso...

—Sabe que para mim um livreiro não deve ser um comerciante vulgar. Tem uma importante missão social e artistica. Não se devem sacrificar o valor e a beleza ao simples e mesquinho interesse material.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

E José Osorio lembra a filha do gran- pintor Segantini que andou pelo mundo a expôr e a explicar em conferencias as obras de seu pai.

—Com a obra educativa de minha mãe vou fazer o mesmo. De resto, a tarefa é facil, pois o Brasil até já oficialmente a consagrou.

—Tem outros projectos?

—Sim. Além das edições que tenciono fazer, realisarei conferencias sobre «A verdadeira literatura portuguesa», mostrando ao mesmo tempo o explendido esforço do nacionalismo português.

—Essas conferencias...

—Não tem qualquer intento de lucro. Serão publicas, para que brasileiros e portugueses me ouçam.

—A sua ideia...

—E' sobretudo levar aos que nos amam e aos que, porventura, nos desconhecem, o nome de Portugal. Eduquei-me no Brasil. Amo-o enternecidamente e nunca perdi ocasião de o afirmar. No entanto, posso garantir-lhe que não ha qualquer proposito especulativo. A aproximação luso-brasileira é um dever.

Falou-se da literatura brasileira. E José Osorio mostrou-nos a sua admiração e o seu entusiasmo por ela:

—Hei de escrever um dia um estudo sobre essa admiravel literatura.

E fala-nos dos nomes mais brilhantes da moderna literatura de Além-Atlantico, emquanto se preparam os lenços para a despedida, que o barco vai partir daqui a nada...

Revista «DE TEATRO» — A' venda N.º 10

A peça de Aura Abranches

MADALENA ARREPENDIDA

O episodio de Ester Leão

Uma historia de boneca

Colaboração de Matos Sequeira, Augusto Lacerda, André Brun, Antonio Ferro, João Ameal, Nobre Martins, Gastão de Bettencourt, Oscar da Silva, etc.

Politeama A'MANHÃ 1.ª representação

O CAMBIO... DE MARCOS

Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço

AS TREZ CRIANÇAS ESTRANGULADAS

O MISTERIO CONTINUA

O que a criminosa disse á policia

Quem é o capitão Candido Garcia Reis

O misterio desvendou-se e o misterio continua.

D. Maria José Guerreiro, a confessa autora do crime de infanticidio da Rua da Escola Politecnica, não completou até esta tarde de uma maneira satisfatoria, para a policia, as suas declarações.

A certa altura, ela persiste numa clareira de hesitação, da qual resulta a duvida.

—E' uma mulher inteligente, naturalmente, e correcta. Mas, fina tanto quanto o pode ser uma creatura que se vê perdida — e quere defender-se.

Isto nos diz o digno Adjunto da Investigação, dr. Crispiniano da Fonseca, que foi quem arrancou a confissão á filha do general sr. Garciá Guerreiro.

E nós interrogamos:

— Mas defender se — de quê? Não confessou tudo já quanto a podia comprometer?

Ao que o magistrado replica:

— Confessou tudo o que a compromete, mas não tudo o que elucida. Esta senhora tem, no meio da sua desgraça, um aspecto simpatico. Teima que não tem cumplices. Teima que ninguem sabia de nada. Teima, e teima de uma maneira digna de reparo, que o seductor «não sabia de nada, que não foi culpado de nada, que a unica criminosa é ela».

Uma figura desaparecida -- O primo Candido

Podemos saber hoje, não sem as naturais dificuldades postas sempre pela policia nestes casos, que D. Maria José Guerreiro dá como seu sedutor, pai das três creanças que ela confessou que estrangulou (segundo nos disse o mesmo magistrado) um seu parente, primo em primeiro grau, Candido Garcia dos Reis, capitão do exercito — o que não consta do processo — e que ela dá como morto em março de 1920.

No primeiro dia, quando o nosso informador subia ao edificio onde se deu o crime, logo ali nos foi indicado como visita da casa um sobrinho do sr. general. O pormenor parecia não ter importancia. A policia, porém, mais habil que o *reporter*, não desprezou a minucia. Foi talvez por ela que resultou a confissão.

Onde era o encontro da autora do infanticidio com seu primo? Em sua propria casa — diz D. Maria José. Mas tambem, e isso consta do processo, em certa casa da rua Castilho. Agora um pequeno, lugubre detalhe: um dos lençois finos que envolvia um dos inocentes tinha estas iniciais: C. R. (Candido Reis?)

Um trecho do interrogatorio--Maria José vacila

O sr. dr. Crispiniano não exerce a sua profissão sem relutancia. Sofre com o seu mister. Preferia mil vezes não ser no mundo... mais que deputado, pois é uma função neutra.

Damos alguns trechos veridicos do interrogatorio de ontem, só alguns:

— Os lençois que envolviam as crianças são finos. Têm marcas que podem ser da familia...

—Ah! — fez a acusada — é que se aproveitaram deles. E' natural que a criminosa sabendo matar soubesse roubar.

O adjunto desnorteou. Ele estava convencido da culpabilidade da filha-familia, mas ás vezes — duvidava. Ela era tão rapida, serena, nas respostas. Esgrima contra esgrima. Outro dialogo:

—Um exame medico (insinuou a mêdo o dr. Crispiniano) seria o recurso num caso destes. Não acha, minha senhora?

— Não... Uma mulher pode ter cometido uma falta, e não ter sonhado sequer com um crime.

Mas o dr. Xavier da Silva, da policia scientifica, forneceu elementos. O dr. Crispiniano ficou habilitado a argumentar com a senhora. Que se passou? Não o disse aos jornalistas o Adjunto. Deve ter sido qualquer cousa de forte, de decisivo, de cruel. Depois de ter arrancado a confissão plena á acusada, o dr. Crispiniano da Fonseca suava. Precisou de se apoiar ao dr. Paulo Menano, que ouviu tambem, no tom lugubre das lamentações, o que D. Maria José revelára.

Depois — seguiu-se a scena com a mãe, D. Ana Guerreiro.

— Seria preciso ser uma grande, uma experimentada e formidavel actriz para nos enganar a todos. A mãe não sabia de nada — diz-nos o Adjunto de Investigação.

E a criminosa, alta, palida, vencida, ainda um sorriso mascara, foi levada para um quarto-prisão. Toda a noite velou.

Novos interrogatorios — Cumplices? — O jornalista assiste

Hoje de tarde o adjunto mandou buscar a acusada. Foi buscá-la o agente Esteves.

— Que mais me querem?

E foi. Maguado o rosto, andar ligeiro, certo descuido artificial, entrou no gabinete de investigação, e estendeu-se num divan. O interrogatorio versava este ponto: cumplices...

E' que não é verosimil — dizem os peritos — que três casos sucessivos de gravidez não dessem na vista. Ha uma função fisiologica da qual não é possivel abstrair, por maiores disfarces que se procurem.

Mas D. Maria José persiste: «não tenho cumplices; ninguem soube nada. Ele mesmo ignorou tudo. Morreu, coitado. Foi para salvar a honra da familia, não a minha que já não vale nada...».

Ao interrogatorio não assistiu o jornalista. O dr. Crispiniano é escrupuloso, e — diz — trata este assunto com amargura. Mas o jornalista logrou penetrar no aposento, e falar ao adjunto. A força das circunstancias obrigou-o a presenciar parte da scena. D. Maria José sorri, e diz:

—Este senhor é para mim? Não, não pode ser. Não tenho visitas, nem parentes...

—E' um caso diverso—esclarece, comprometido, o funcionario superior da policia.

—Não tenho mais nada que interesse a este mundo — ainda diz a acusada.

E fita-nos, talvez a lembrar-se da primeira vez que um nosso colega lhe falara.

—Já disse tudo... E' demais...

E ficou no interrogatorio, inutil, demorado, doloroso.

—Ninguem sabia nada. Eu consegui sempre esconder tudo.

—Não pode ser—diz cá fora o agente Lomelino.—Os medicos dizem que não pode ser.

E por aqui ficou o caso hoje.

Ultima nota: a pista que o *Diario de Lisboa* anunciou que o dr. Crispiniano possuia — e era segurissima — não era a da filha do general Guerreiro, mas a de uma mulher a dias, que interrogada, deixou a policia em maior misterio do que antes. A inocencia de D. Maria José chegou a estar feita no espirito da policia, se não fosse...

...Se não fosse certo truc usado, e esse é que é o segredo impossivel, por agora, de desvendar.

O adjunto tenciona ouvir ainda a esposa do general Guerreiro, que está como doida, e, porventura, o proprio ilustre oficial — que hoje não deu sinal de si.

A POLITICA DE HOJE

O CASO

SA' CARDOSO

E AS DELIGENCIAS

do Partido Nacionalista

—Ainda não falei com o sr. Sá Cardoso. Como se trata duma individualidade altamente honesta qualquer pequena coisa o vai ferir na sua sensibilidade. Estou, porém, convencido, de que se trata apenas dum equivoco—já ontem o afirmou o sr. Cunha Leal—e sendo assim, tudo, depressa, se remediará. Houve nm parentesis. E, depois duma alusão ao estado de saude do Chefe do Estado, preguntámos:

—Então a eleição presidencial?

—No dia proprio se saberá...

—Não é isso. O candidato do Partido?

—Ainda não temos candidato.

—Como se explica isso a vinte dias de distancia?

—A maioria tambem não escolheu ainda.

—Escolheu: é Teixeira Gomes.

—Ora! São todos—por emquanto são todos.

—E o seu qual é?

—Bernardino Machado. Mas tenho que me sujeitar á orientação do Partido.

—Quere dizer: a eleição vai ser uma grande surpreza.

—Assim deve ser, com efeito. Nunca esteve tão dubio o caso da eleição.

E nada mais ouvimos ao dr. Pedro Pita, empenhado, como nacionalista convicto, e secretario do Directorio, a solucionar o conflito... da melhor fórma possivel.

Voltará o sr. Sá Cardoso a agitar a campainha de alarme da presidencia da Camara?

O sr. dr. Pedro Pita foi dos que mais se evidenciaram ontem na sessão tumultuosa da Camara dos Deputados.

Tentámos arrancar-lhe confissões que merecessem registo especial. Todavia, o secretario do Directorio, talvez por ser secretario, defendeu-se quanto poude — e a entrevista decorreu semeada de reticencias. Como é o assunto politico do dia — ela aqui vai.

— A resolução de Sá Cardoso será inabalavel?

— Estamos trabalhando para que o não seja.

— Já reuniram?

— Já — e voltamos a reunir esta tarde.

— Sá Cardoso é uma personalidade insubstituivel. Honra o Partido a que pertence...

— Certamente. Todos reconhecemos nela uma alta inteligencia e um elevado caracter.

— Mas não lhe seria bastante deixar a Presidencia da Camara e o seu logar de deputado?...

— Não sei — nada posso dizer sobre isso.

— Não será demasiado o abandono do Partido?

Cruz de guerra

Foi concedida a pensão de 60 centavos ao 1.º artilheiro José Luiz Estrela, por ter sido agraciado com a Cruz de Guerra.

«A B C»

A. B. C. — a interessante revista — aparece-nos no numero desta semana, simplesmente esplendida. Alem duma minuciosa e flagrante reportagem grafica dos funerais de Guerra Junqueiro a que dedica quatro formosas paginas, insere ainda colaboração escolhida sobre o «Militarismo na Russia», «Bicicletes aereas» e «Aventura do saudoso aeronauta Belchior» e as sensacionais revelações ácêrca de «João Franco e o seu tempo» desvendando os tenebrosos segredos da revolta dos marinheiros do cruzador «D. Carlos». Como no proximo domingo, esta elegante revista complete o seu terceiro aniversario, realizar-se-ha uma festa de confraternisação entre todos os que trabalham nesta obra que é uma eloquente afirmação de vontade e tenacidade.

Sôros Veterinarios

Do Instituto BEHRING, de Marburg

Depositarios: RAUL VIEIRA, L.DA

RUA DA PRATA, 51

TELEFONES 3586 e 2194 C.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo provoca** um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Não peçam qualquer refresco antes de provar a carapinhada de cacau

S. I. C.

A' venda em todas as confeitarias e leitarias.

MEYER'S

Solarine

PUTZ-CREAM PUTZ-CREAM

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais economico liquido para limpar metais

Unicos representantes e depositarios em Portugal

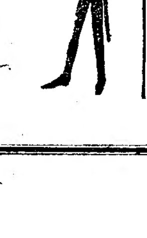
H. GROTHKOP L.da

R. Arco do Bandeira, 79 2.°

LISBOA

TELEFONE C. 55

PEREIRA



ALFAIATE

Confecções para homens e senhoras

PREÇOS SEM COMPETENCIA

R. DA PRATA, 266, 1.°

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — PORTO

Rua do Crucifixo, 49 — **246, Rua Mousinho da Silveira, 250**

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3082

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

R. JANEIRO 1909, ANVERS 1894, BELEM 1893 — LONDRES 190, LISBOA 1888, PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Farinha Peitoral Ferruginosa

Tonico reconstituinte, e precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Muito recomendada pelos Medicos a todos os debelitados, convalescentes de qualquer doença, na alimentação das parturientes e amas de leite, pessoas edosas, anemicos e creanças. Mais de 50 anos de resultados sempre eficazes comprovados por numerosos atestados.

DEPOSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 147-LISBOA

Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

A ACTIVA

RAMO INDUSTRIAL

Secção de Construções Civis

Construções de edificios para qualquer fim, ampliações, reedificações e reparações.

Estruturas, vigamentos e construções metalicas.

Trabalhos em cimento armado e hidraulico.

Construções industriais, como: Fabricas, Hangars e Barracões.

Frentes e interiores artisticos para estabelecimentos.

Vivendas, chalets e predios de rendimento.

Casas á antiga portuguesa.

Trabalhos de carpinteiro, marceneiro, serralheiro, canteiro, estucador, pintor, etc.

Levantamentos topograficos, projectos e orçamentos.

Maquinismos movidos a electricidade

R. 24 de Julho, 8—LISBOA

Telefones: C. 1601 e C. 3474

Telegramas: Activa

Vinho Colares V.S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem

Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro

Pedidos a D. J. Silva L.tda

Rua Rodrigues Sampaio, 15

Telefone n.° 1711.

OURO Prata e Joias

com safiras, diamantes e brilhantes

Só vende mais BARATO

o Correia & Moura, Limitada

Rua de S. Paulo, 186

Proximo á Casa da Moeda

MURALINE

A melhor tinta ingleza a agua. Rua das Pedras Negras, 24, 1.°-Lisboa. Telef. C. 5392.

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.a, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.°

ISAURA PAIS, MEDICA

Doenças das senhoras, 2 ás 5 — R. Ivens, 50, 1.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUÊSES

OFICINAS GERAIS

ADMISSAO DE ESTOFADORES

Admitem-se estofadores para serviço permanente nas oficinas desta companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia.

Lisboa, 7 de Julho de 1923.

O Director Geral da Companhia

a) *Ferreira de Mesquita*

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DE LONDRES

A RUSSIA E A ILHA DE WRANGEL

As dificuldades da Inglaterra

LONDRES, 19

O jornal «Isvestia», de Reval, refere-se a dificuldades sugeridas entre a Russia e a Inglaterra ácerca da posse da ilha de Wrangel no mar Artico.

O mesmo jornal declara que a Russia defenderá a todo o custo os seus velhos direitos a essa Ilha rica em minerio aurifero. — (R.)

As fronteiras

entre o sul e norte da Irlanda

O sr. Cosgrave, primeiro ministro do Estado Livre da Irlanda, encontrar-se-ha com o sr. Craig, primeiro ministro do Ulster, nesta cidade, para tratarem da delimitação das fronteiras entre o norte e o sul da Irlanda. — (R.)

As esquadras

que andam pelo Oriente

Foi dada ordem para que quatro esquadras de «destroyers» que tinham ido reforçar a esquadra do Mediterraneo, devido á crise do Proximo Oriente, voltassem para a Inglaterra. — (R.)

CINEMA CONDES

Um programa sensacional

Nas duas sessões de hoje no Condes o programa é deveras sensacional. Repete-se a esplendida comedia de Harold, ontem com tão grande exito estreada, «Virtude recompensada», em duas partes, e o soberbo drama de arte «O XV preludio de Chopin». «Os Párias do Amor» estão dando as suas despedidas, devendo suceder-lhe em breve o novo romance de aventuras de um gatuno sentimental «Mãos de Arminho». A'manhã estreia-se o film «O crime de Monica»; destinado a causar surpreza pelo seu curioso entrecho.

TEATRO AVENIDA
A's 21,25
GRANDIOSO SUCESSO
BICHINHA GATA
Ampliada com o NOVO QUADRO
Ontem, Hoje e Ámanhã

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — A's 8 3|4 e 10 3|4 2 ESPECTACULOS 2 — HOJE
A revista de colossal exito
FADO CORRIDO
Montagem luxuosa! As mais belas novidades de ensecenação! O teatro preferido pela melhor sociedade lisboeta — Graça e critica para toda a gente.
AVISO IMPORTANTE — Os bilhetes do teatro Maria Vitoria dão entrada gratuita no Parq. Mayer.

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
A'manhã definitivamente
1.ª representação
O cambio... de Marcos
- Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço -

O «POST-BELLUM»

O descalabro financeiro e economico da Austria

Ha esperanças de ressurreição?

Viena, grande capital, é uma cidade animadissima, ás vezes tumultuosa e sempre extraordinariamente concorrida. Os hoteis, regorgitando, impelem muitos forasteiros a procurarem alojamentos em casa de numerosas familias arruinadas pela crise financeira que, *post bellum*, oprime e desgraça a Austria e que, para se manterem honestamente, improvisaram nos seus apartamentos pequenas mas confortaveis *pensões*, onde se é recebido e tratado com grande gentileza e até mesmo — para que nega-lo? — com certa humilidade cativante.

Nas praças, nos *boulevards* e em volta dos jardins, em filas quasi interminaveis, alinham-se magnificos automoveis e luxuosas carruagens, que os antigos magnates e *senhoras* da Viena do *ante bellum* venderam para poder viver. Não é raro que ao volante ou na boleia tome lugar, despretenciosamente, um membro de qualquer familia *vieille roche*, que, obrigado pelas circunstancias, se decidiu a trabalhar — ele que, no tempo do velho e protocolar imperador, outra coisa não fazia senão pavonear-se no aristocratico *Ring* e esbanjar sem preocupações milhares de corôas em divertimentos de toda a ordem, em que Viena, uma pequena Paris, tanto abundava. As carruagens *chics* são tiradas, como outr'ora, por fogosos cavalos puro sangue com arreios e joelheiras em coiro branco.

Mas os clientes dos magnificos automoveis a das luxuosas carruagens são hoje, quasi sempre os estrangeiros, os quaes, possuidores de moeda valorisada, não regateiam o preço do serviço nem a tradicional gorgeta, o que eles querem é estafar libras, *dollars* e francos ou liras, comendo e bebendo bem, gosando, numa palavra, todos os prazeres mundanos, ainda os mais caros, que Viena ainda proporciona. Ostentando *toilettes* deslumbrantes e custosas peliças, lindas e elegantes mulheres enxameiam por todos os *restaurants*, cafés e *dancings* e no endiabrado *Bal Tabarin*, convidando, talvez agora com demasiada insistencia, os estrangeiros endinheirados e viciosos, dos quaes, batida a meia noite, são os melhores e mais perigosos *ciceroni*.

Nas luxuosas pastelarias da Karntnerstrasse, á classica hora do chá, encontram-se as mesmas formosas e distintas senhoras da celebrada Viena imperial e tambem, numa atitude irrepreensivel, inumeras cocotes verdadeiramente chics. Recebe-se a impressão enganadora de que a guerra, afinal, em pouco prejudicou a sedutora rainha do Danubio. Mas quem observar, com olhos de vêr, o pudor e o impudor do curioso ambiente cosmopolita reconhecerá que a vida actual de Viena é toda artificial, só de aparencias, em que não é dificil descobrir a triste e desoladora realidade: — que a Viena do *post bellum* é uma Viena decaida, de falsos ricos ou de ricos improvisados, — os tais patriotas que, durante a guerra, mercandejaram impunemente junto dos governos, ganhando, ou antes roubando, milhões e milhões nos fornecimentos militares ou com o abastecimento das populações, ás quais impingiram generos e artigos de primeira necessidade era de qualidade inferior, senão deteriorados ora a preços escandalosos, patriotas que bem mereceriam em vez de comendas a grilheta infamante.

Uma nota carateristica e interessante, e que registamos, dão-na, ás esquinas, os vendedores de jornais — geralmente mutilados, velhos, mulheres ou crianças — apregoando-os todas as linguas e oferecendo-os sem se enganarem sobre a nacionalidade do passante.

Quando se entra nos estabelecimentos de modas a caixeirinha, que tem muito o ar agarotado da *grisette* de Paris, não deixa nunca de informar que o vestido ou chapeu escolhidos custam tantas corôas austriacas ou tantas libras, *dollars*, francos ou liras, pois os estabelecimentos, para evitarem a incrivel especulação cambial, facilitam o pagamento em todas as moedas não depreciadas. Um vestido *tailleur* decente e elegante não custa menos de 2.400 000 corôas; uma *robe* de algodão entre 350 e 500.000 corôas; por um par de sapatos de verniz reclama-se, sem hesitação, 250.000 corôas; o pão está a 2:600 corôas o quilo; um lugar no electrico subiu para 12.000 corôas — e assim sucessivamente. Com menos de 1.000 corôas não se compra nada; dão-se esmolas.

Mas é de justiça notar que, feitas bem as contas, aquele que possui moeda forte, ainda não se deve queixar dos preços, porque a vida em Viena fica-lhes sempre mais barata do que em qualquer outra grande capital europeia.

Nos *restaurants*, as *petites tables* são tomadas quasi de assalto. As refeições continuam esmeradas e... abundantissimas se as compararmos com as que se dão em Paris e, francamente, não contentam as pessoas de apetite regular. Não faltam tambem *restaurants* economicos — e em todos se ouve excelente musica, em que predominam as valsas sentimentais e do genero *Viuva Alegre* e os *fox-trotts* da mais exotica e atraente composição.

A preocupação pelo dia de ámanhã não se me afigurou grande. Em Viena ninguem, quasi ninguem, fala de politica. Os partidarios do Imperio, convencidos de que o passado morreu e de a Republica se consolidou, sumiram-se e emigraram muitos para as suas terras ou para as Americas, obrigados pela carestia da vida, para trabalharem longe... sem se envergonharem, longe dos olhos motejadores da burguezia operosa e do operariado triunfante.

Não ha em Viena quem desespere da situação. Um finan eiro do velho e do novo regimen, a quem interroguei sobre o assunto, depois de me convidar a debruçar-me a uma das janelas do seu maravilhoso gabinete, respondeu-me serenamente: «Como quere o senhor que um país com uma capital destas desapareça? Viena não pode morrer...» E acrescentou: «De resto, já toda a gente se acostumou ao actual valor da corôa. O dificil foi parar a voragem — o que a Austria conseguiu com uma politica de sacrificio e uma energia indomavel, sob a égide protetora da Sociedade das Nações. Agora é persistir e, pouco a pouco, a vida normarlizar-se-ha, acredite».

Emydio Garcia

AS REPARAÇOES

A UNIDADE DE ACÇÃO DOS ALIADOS

está completamente assegurada

LONDRES, 19

A situação das reparações continua estacionaria devido á final aprovação pelo gabinete britanico, e remessa aos aliados, da nota preparatoria da resposta inglesa á proposta alemã contida no seu memorandum de 7 de Julho.

A nota preparatoria estará provavelmente nas mãos dos aliados no fim da corrente semana, esperando-se que a resposta dos aliados esteja dada na quarta ou quinta feira da proxima semana, devendo então o primeiro ministro inglês fazer importantes declarações na Camara dos Comuns, visto o sr. Baldwin ter declarado a semana passada de que ainda não havia chegado a oportunidade para uma discussão geral das reparações.

Espera-se, comtudo, que a unidade de acção dos aliados seja assegurada, tais são os desejos da imprensa inglesa que entende tambem não dever ser tomado o discurso do sr. Poincaré em Senlis como uma resposta antecipada á proposta britanica. — (E.)

Uma exigencia

da França, da Italia e da Alemanha

BERLIM, 19

Os tecnicos alemães convidaram para uma conferencia a Comissão Internacional de Reparações. Desejam protestar contra a inclusão do assucar no numero de materias primas que devem ser entregues para a reeconstrução dos districtos devastados. Essa exigencia é feita pela França e pela Italia e a Alemanha pretende protestar porque o assucar não póde ser nunca considerado como um material de reconstrução do organismo. — (R.)

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

S. CARLOS Telef. C. 5063
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE — A mais popular das peças de Ibsen -
CASA DE BONECA
Brilhantissima creação de LUCILIA SIMÕES
Notavel conjunto com Antonio Pinheiro, Erico Braga, Amelia Pereira e Mario Santos
O TEATRO MAIS BARATO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00 (á venda de dia, sem aumentos)

EDEN SABADO
2
ESPECTACULO INTEIRO
QUADROS NOVOS
Nogueira de Pinho & Carvalho e A Felicidade
CALDO VERDE
PREÇOS POPULARES

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE, ás 21,15 — Recita da Moda
DESPEDIDA
A mais popular e querida das peças
A Morgadinha de Val-Flor
GRANDIOSO EXITO da COMPANHIA PALMIRA BASTOS
SABADO — «FEDORA», de Sardou

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

VIDA PARTIDARIA

Alvaro de Castro abandona o partido nacionalista

no caso de Sá Cardoso não voltar á presidencia

O Partido Nacionalista, por mercê dos acasos politicos, está novamente ás contas com um conflito—do qual poderão resultar para o Partido as peores consequencias. Possivelmente, a sua dissolução.

O sr. dr. Alvaro de Castro, na sua qualidade de *leader*, afirmou-nos categoricamente:

—Sá Cardoso não disse que abandonava a politica. Disse que abandonava a presidencia da camara e o Partido.

—E sendo assim...

—Acompanha-lo-ei—como nacionalista, está bem de vêr...

—E, naturalmente, o sr. dr. não irá sosinho.

—Não devo ir.

—Então é uma debandada!

—Sá Cardoso é uma nobilissima figura que não pode ser abandonada.

—Mas, então, é a morte do Partido?...

—Que se lhe ha-de fazer?

E o dr. Alvaro de Castro, que tem um codigo aberto na sua frente, alarga-se em considerações sobre o incidente Antonio Maya, verberando o procedimento do ministro da Guerra, não comparecendo no Parlamento, e pedindo o levantamento das imunidades parlamentares a um deputado que desejou interpela-lo.

A certa altura preguntámos

—Não será isto ainda uma consequencia do incidente de ha tempos? O Partido, nessa altura, esteve bastante abalado. Houve discordancias...

O *leader* nacionalista, deixando cair o monoculo, limita-se a dizer:

—Não sei. E' possivel.

—Em que ponto estão as diligencias do Directorio junto do sr. Sá Cardoso?

—De positivo, nada lhe posso dizer. Sei que já lá foram todos. Eu ainda não compareci.

—O Directorio reune ás 17?

—Reune? Não sabia...

Extranhamos que o dr. Alvaro de Castro se tivesse posto á margem das diligencias empregadas e concluimos o que, de certo, concluirão os nossos leitores: que o *leader* nacionalista está absolutamente de acôrdo com a atitude tomada por Sá Cardoso.

Veremos o que sai de tudo isto. A alma da conciliação é o deputado Pedro Pita. Mas vencerá a sua tenacissima boa vontade?

Viagem de instrução

Foi mandado pôr em vigor as Normas para as viagens de instrução e tirocinio dos guardas-marinhas e aspirantes.

A iluminação publica

Uma reclamação

Na rua Braamcamp, pelas alturas dos predios M. M. R. e A. F. B., não se vê um palmo deante do nariz. Não obstante entre os dois predios existir o candieiro n.º 9509 que tem a respectiva derivação e até já teve uma lampada, que acendeu brilhantemente durante varias noites. A lampada foi tirada, não foi substituida, e, desde então, por virtude desta miseria, o local ficou, além das trevas, transformado num recanto obsceno, a brigar com o decôro de 24 inquilinos decentes.

Sociedade Portuguesa de Administrações
Calçada do Sacramento, 14, 1.º—Lisboa

Dividendo

Na séde da Sociedade e na sua Delegação do Porto, Casa Pinto & Sotto Mayor, Praça da Liberdade, pagar-se-ha de 23 a 31 do corrente, e depois desta data só ás quintas feiras, por cont. do dividendo do corrente ano, 3$20 por acção, livre de quaisquer impostos. A's acções da 2.ª emissão será paga a percentagem na proporção do tempo e da prestações desembolsadas.

O coupon a cortar é o n.º 4.

A POLITICA DA TARDE

O governo novamente de pé

O deputado Antonio Maya

vai requerer para cumprir imediatamente o castigo que lhe foi aplicado?

O incidente parlamentar de ontem á noite feriu forte o partido nacionalista que perdeu uma grande parte da cohesão que ultimamente ostentara nos varios debates desenrolados na camara.

Para elucidação completa do leitor, vamos contar-lhe, antes de mais nada, com a maxima imparcialidade, como decorreu o inexplicavel tumulto que levou o sr. Sá Cardoso — figura prestigiosa do regimen e um dos marechais do partido nacionalista — a abandonar a sala das sessões por não conseguir entender-se com os seus proprios correligionarios.

O caso passou se, em resumo, deste modo:

Quando foi posta á votação a moção Agatão Lança, a maioria regeitou-a em massa, com excepção do sr. Sá Pereira que já tinha declarado num breve discurso perfilhar a sua doutrina. A moção foi, portanto, regeitada. Mas o sr. Sá Cardoso, a quem as constantes agitações da sessão já haviam posto a cabeça em agua, equivocou-se e disse:

—Está aprovada!

O sr. Abilio Marçal, atentando na «gaffe» pediu imediatamente a contraprova. Era a salvação! Mas as vozes abafavam-se umas ás outras, tamanho êra o charivari!

A oposição batia fortemente com as tampas das carteiras.

O presidente da Camara, cada vez mais enervado, não lograva que o escutassem. Bem desejava ele proclamar o engano que tivera e dizer á Camara que era ainda tempo de o desfazer, porque, segundo o regimento, nada impedia que se fizesse a contra-prova. O barulho recrudescia. Foi então que o sr. Sá Cardoso descêu as escadas da presidencia e declarou mais ou menos isto:

—Não é preciso interromperem a sessão! Eu é que me vou embora de vez!

A sessão, apesar destas palavras, foi interrompida. Quando meia hora depois recomeçou, todos os parlamentares se apressaram a admirar as «altas qualidades politicas e morais do sr. Sá Cardoso...»

Mas era demasiado tarde. O ilustre presidente da Camara, desiludido e aborrecido, já recolhera á tranquilidade imperturbavel da sua casa, tranquilidade que está longe de exigir provas ou contra-provas.

* * *

No parlamento, ás 16 horas. O sr. Ginestal Machado, *leader* nacionalista, acaba de regressar duma visita politica ao sr. Sá Cardoso.

O seu rosto, quasi sempre jovial, vem um pouco ensombrado. Recusa amavelmente uma entrevista, porque vai dar conta no mesmo instante aos seus correligionarios, numa das salas do Congresso, da *démarche* realisada.

Apenas nos diz:

—Fui a casa do sr. Sá Cardoso, em nome do meu partido, manifestar-lhe a admiração que lhe dedicamos.

—E o sr. Sá Cardoso voltará a tomar parte nos trabalhos parlamentares?

O sr. Ginestal Machado não responde. Mas responde eloquentemente por si o seu sorriso desolado.

* * *

O *Diario de Lisboa* pode afirmar, porque para isso tem autorização:

—O sr. Sá Cardoso não volta. Nenhum poder, por muito forte que seja, abalará a firmesa da sua resolução. Não quere mais Parlamento, não quere mais ser politico, não quere mais ser nacionalista. Ele proprio no-lo disse esquivando-se a revelar em detalhe os motivos da sua atitude.

Quem sucederá ao Presidente da Camara demissionario?

Um distinto deputado democratico quo conhece a fundo os segredos dos bastidores, confidenciou-nos:

—Creio que até ao encerramento das camaras se não fará eleição. Não vale a pena, por meia duzia de dias, eleger quem substitua o sr. Sá Cardoso. Os vice presidentes desempenhar-se-hão do cargo a contento de todos. Assim se deve proceder. Mesmo para que os inimigos do partido a que pertenço não digam, maldosamente, que nos regosijamos com a saida de Sá Cardoso, por podermos eleger um presidente nosso.

—E se dum momento para o outro se tornasse indispensavel eleger um presidente efectivo?

Outro democratico:

—E' dificil fixar neste momento um nome. Talvez o Pires do Vale...

E mais não disse.

* * *

A saida do sr. Alvaro de Castro do partido nacionalista põe em cheque este organismo politico. Varios parlamentares que concordam com a sua atitude, o acompanham.

Entre eles contam-se o senador Roberto Baptista, que é, como se sabe o general comandante da 1.ª divisão do exercito, o deputado sr. Pereira Bastos, general tambem, e o sr. Carlos de Vasconcelos.

* * *

E o governo?

O sr. Antonio Maria da Silva conseguiu conjurar mais uma vez o perigo. Já não cai. O incidente Antonio Maya, tomou uma feição absolutamente antagonica da que apresentava.

O chefe do governo declarou hoje na Camara dos Deputados:

—Acabo de me avistar com o sr. ministro da Guerra que me afirmou ser inabalavel a sua resolução de se desligar do ministerio. Comuniquei o facto ao Chefe do Estado e na devida altura informarei a Camara das determinações de sua Ex.ª.

E logo a seguir pronunciou esta frase, que causou sensação:

—Declaro-me habilitado desde já a responder á interpelação do deputado Antonio Maya!

De facto, Antonio Maya realisou a sua interpelação, com serenidade e em termos absolutamente correctos. A' hora de encerrarmos estas ligeiras notas politicas está-lhe respondendo o chefe do governo.

* * *

As comissões ainda não entregaram o parecer que diz respeito á suspensão das imunidades parlamentares a Antonio Maya. Julga-se que esse parecer já é quasi desnecessario. Antonio Maya declarará ainda hoje á Camara que o capitão Antonio Maya, em virtude do sr. ministro da Guerra se ter demitido deseja cumprir imediatamente o castigo que lhe foi aplicado.

S. TOMÉ

As medidas do governador geral

O sr. Antonio José Ferreira, governador da provincia de S. Tomé, apresentou-se hoje no ministerio das Colonias, devendo ter uma serie de conferencias com o respectivo ministro, ácerca de varias medidas que pôz em pratica naquela provincia.

A TARDE PARLAMENTAR

Um projecto de lei do deputado Cancela de Abreu

autorisando a entrada de jesuitas nas missões

A sessão começa ás 3 e 20. Estão 65 deputados, presidindo o sr. Afonso de Melo.

As galerias cheias de curiosos. Espera-se outra sessão agitada.

Pedem a palavra para antes da ordem do dia varios oradores. Alguns requerem-na para quando chegar o sr. ministro da Guerra.

O sr. Hermano de Medeiros declara que se inscreveu ontem para treplicar ao ministro do Trabalho sobre os casos passados nos hospitais civis.

O sr. Lucio Martins:

—O sr. ministro da Guerra está demissionario?

—O sr. presidente responde que não sabe:

—Tem a palavra o sr. Estevam Aguas.

O sr. Hermano de Medeiros protesta. Consente, por fim, que o sr. Estevam Aguas fale primeiro.

O orador trata de assuntos referentes aos alunos da Escola Naval. Requere que seja imediatamente submetida á discussão uma proposta regulando a admissão naquele estabelecimento oficial.

Os srs. João Bacelar e Cancela de Abreu contrariam o referido requerimento. O sr. Estevam Aguas pede, e é aprovado. que seja examinada a proposta, sem prejuizo dos oradores inscritos.

* * *

O sr. Cancela de Abreu envia para a mesa um projecto autorisando a incorporação de jesuitas portuguese nas missões ultramarinas:

—Hoje dá-se um caso curioso de haver nessas missões jesuitas estrangeiros e de não serem consentidos os jesuitas portugueses, Isto constitue um gravissimo perigo e um grande factor da desnacionalisação das nossas colonias.

Depois, faz um rasgado elogio da obra da Companhia de Jeus não só em Portugal, como nas colonias .Cita a colonisação do Brasil que ficará como um padrão imorredouro da sua acção civilisadora.

O discurso do deputado monarquico provoca certa agitação, ouvindo-se muitos apartes de todos os lados da Camara.

Estabelece-se susurro. Ha referencias ao Marquez de Pombal e á lei basilar da Republica. O sr. Cancela de Abreu responde a todos em altos brados, acompanhados por fortes murros na carteira.

Volta o silencio e é no meio dele que o chefe do governo começa a falar. O relato fecha aqui. Tem a palavra o cronista politico que regista noutro logar as declarações do sr. Antonio Maria da Silva.

Exposição do Rio de Janeiro

A Companhia Agricola e Comercial dos Vinhos do Porto (antiga Casa Ferreirinha), recebeu dos seus agentes no Rio de Janeiro, srs. Augusto Constante & C.ª, os seguinte telegramas:

RIO DE JANEIRO, 4 de Julho.—Ferreirinha unico exportador português classificado **Hors Concours** felicitações».

E em 6 de Julho:

«Sómente dois **Hors Concours** concedidos Portugal: um ao Estado Português e outro á **Ferreirinha**».

Congratulando-nos com tão alta distinção que, além de um Grand Prix, acaba de ser concedido exclusivamente áquela Companhia entre todos os exportadores portugueses, daqui lhe enderessamos as nossas felicitações pela forma como mais uma vez foi feita justiça á excelencia dos seus vinhos cada vez mais reputados em todo o mundo e que tão apreciados são tambem em Lisboa.

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, 1.º